

UMA CARTA DE BANCROFT

Milton Hatoum

O primeiro americano com quem conversei na Waverly Place em San Francisco não se considera apenas um americano. Meu nome é Tse Ling Root, sou sino-americano, você sabe o que isso significa? Ele mesmo respondeu: Significa que para os meus antepassados a realidade não tinha a menor obrigação de ser interessante.

Ling Root saía do templo Tin How quando lhe perguntei onde ficava o templo. Apontou para o alto de um edifício na Waverly Place: ali está a deusa protetora dos navegantes, disse Ling Root, com um ar de quem conhece todos os cantos de Chinatown.

— Muitos jovens desse bairro não sabem onde fica Hoi-Pi, não sabem que Cantão e Shangai fazem parte da história de San Francisco — continuou ele.

Num tom comovente, Ling Root contou que seu bisavô fora um dos milhares de chineses que penaram nas minas e nas ferrovias da Califórnia. Ele abriu os braços de uma forma meio teatral, e enumerou vários nomes de famílias do bairro e a cada nome acrescentou um lugar da China. Depois, meio exaltado, disse que Chinatown é uma forma de preservar, em San Francisco, a identidade oriental de milhares de famílias chinesas nessa região da América. “Meus descendentes não vieram para fazer a América, foram forçados a trabalhar aqui; por isso, imaginaram e ajudaram a construir Chinatown, o único espaço que, para eles, é realmente interessante.”

Talvez seja verdade para os ascendentes de Ling Root, confinados nessa pequena China de San Francisco e ainda assombrados por um passado nada edificante. Ling Root, que é um policial, também acha a realidade pouco interessante. As gangues proliferam em San Francisco e Oakland, e nesses últimos dias do inverno um estuprador e assassino apavora os moradores de Bay Área. “Nas horas vagas frequento o templo, caso contrário enlouqueço”, desabafou Ling Root.

No entanto, para um visitante como eu, não apenas Chinatown, mas quase toda San Francisco, oferece lances interessantes.

Mesmo daqui, de uma das colinas de Berkeley, contemplar a paisagem noturna da baía, com suas pontes iluminadas e o perfil de seus poucos mas suntuosos edifícios de arquitetura futurista, já contraria a afirmação de Ling Root. Também são interessantes essas alamedas tranqüilas de North Berkeley, com suas casas de madeira, coloridas, sem cerca, com jardins orientais, por onde os gatos passeiam nos dias ensolarados: o cinzento deitado numa varanda, o olhar no céu muito azul da Califórnia; o amarelo que, de uma

janela, acompanha o olhar passeante e nos parece dizer que essa casa branca só é acessível a ele... No setor Leste da cidade, é interessante rever os gestos irreverentes dos jovens estudantes de Berkeley. Sim, rever, porque algum dia já fomos irreverentes e contestadores, dois adjetivos que não faltam à multidão que circula por aqui. Perto do portão de ferro, ao Sul do campus da universidade, jovens e velhos tentam desafiar o *establishment*, são o ruído desse planeta que tende à robotização e à uniformização de tudo: um mundo sem contestação, sem discórdia, sem paixão.

Não longe dessas vozes e gestos tumultuosos, há um outro mundo, um edifício silencioso, austero, que lembra as palavras de Ling Root. Sim, porque aqui, na Biblioteca de Bancroft, a realidade não tem a menor obrigação de ser interessante. O que interessa em Bancroft são os milhares de manuscritos de todas as épocas, compulsados por pesquisadores de todo o mundo. Há, aqui, papíros egípcios e manuscritos medievais, mas em muitos fichários constam também referências ao nosso século.

Charles Faulhaber, o diretor da Biblioteca de Bancroft, me indicou num desses fichários um assunto que me interessa: *Brasil: Limites & Fronteiras*. Pedi-lhe para consultar uma caixa com *Cartas, Documentos e Manuscritos*. Agora estamos perto e ao mesmo tempo tão longe do burburinho dos jovens, dos grupos que distribuem panfletos, dos punks que puxam gatos encoleirados e dos gritos. Por uma imprensa livre, Por uma imprensa alternativa. No ambiente silencioso de Bancroft parece que estamos longe até mesmo de Berkeley; mas o campanário, ao emitir quatro pancadas graves, nos traz de volta ao presente. É uma tarde ensolarada, mas esse clima nada tem a ver com a quentura abafada descrita por Euclides da Cunha em Manaus... É assim, resmungando contra o clima do Equador, que começa a carta de Euclides a seu amigo Alberto Rangel. Rangel estava no Rio de Janeiro, e oferecera a Euclides sua casa espaçosa na Praça Chile, onde o grande escritor morou mais de dois meses antes de viajar ao alto Purus.

Encontrar essa carta inédita em Bancroft, com a caligrafia nervosa de Euclides, é quase um milagre. Mas para onde vou, Manaus me persegue, como se a realidade da outra América emitisse sinais de descontentamento... Mesmo quando não é solicitada, a realidade se intromete na espiral do devaneio e parece dizer que só vim a Bancroft para encontrar essa carta amazônica do autor d'*Os Serões*. Mas há algo mais nessa missiva além dos reclamos contra o calor de Manaus... A escrita de Euclides, barroca, sinuosa, exuberante está presente do início ao fim. O algo mais é o sonho que ele conta a Rangel: o sonho e uma cena que ele presenciou naquela tarde tórrida de 14 de fevereiro de 1905. Choveu torrencialmente na manhã desse dia. Às 11 horas, sozinho, Euclides almoçou. Depois, sentado na austríaca, releu um trecho de um livro de viagem, provavelmente o de Henry Bates, pois na carta Euclides refere-se à obra do grande Bates. O mormaço o fez adormecer com o livro aberto entre as mãos. Euclides sonhou que "a imensa planície desértica", ou seja, a Amazônia, já não era mais uma Terra Ignota. Europeus de boa estirpe haviam-na povoado: áreas imensas de floresta estavam sendo devastadas e urbanizadas; a Amazônia, em suma, seria uma extensão de Manaus e Belém, cidades cosmopolitas... Essas visões cessaram e surgiu no olho a voz de um homem e depois o próprio homem: um francês de nome Gobineau. O francês tenta convencer Euclides de que o destino das terras incultas é serem povoadas por europeus. Euclides hesita, reflete; enxuga o suor que lhe escorre da testa: depois estremece diante da possibili-

dade de não mais viajar ao alto Purus, de não poder escrever sobre o deserto, o Paraíso Diabólico, o Paraíso Perdido. Irrita-se com a idéia extravagante de Gobineau, e, num francês afetado, expulsa-o da sala com gestos autoritários, como um militar se dirige a um subordinado. Gobineau solta uma gargalhada estrondosa, sai do sonho, e então Euclides escuta um canto, uma prece, cada vez mais forte, mais perto da casa, perto da sala onde sonha. Nesse momento se acorda: apalpa o corpo banhado de suor e arregala os olhos, como quem procura alguém ou teme uma ameaça. São quase três horas da tarde, e se irrita por ter prolongado a sesta. O canto e a prece continuam lá fora, e então Euclides decide caminhar na Praça Chile. Na entrada do cemitério São João Batista, ele se aproxima de militares que carregam um féretro. Não sabe por que o caixão está aberto, e ao olhar para o morto jura reconhecer o rosto de um oficial amazonense que ele conhecera numa visita ao quartel da Polícia Militar, em Manaus. Para Euclides, aquele rosto de feições indígenas era inesquecível porque era o rosto de um herói, de um soldado que combatera bravamente em Canudos.

Alguns dias antes (a carta não precisa a data) o soldado fora apresentado a Euclides como um prócere da Polícia Militar do Amazonas. Euclides pergunta a um homem como o jovem militar havia morrido, mas é uma mulher que lhe informa que a vítima levava um balaço do amante da esposa. Euclides franze a testa, e volta para a casa de Alberto Rangel.

Nessa mesma tarde escreveu uma carta ao amigo, contando-lhe o sonho e a cena do enterro. Não se sabe se Alberto Rangel recebeu a carta: nunca saberemos se Euclides se lembrou dessa carta no momento em que foi atingido mortalmente pelo amante de sua esposa, em 1909. Sabemos que o sonho não passou de um sonho e que a Amazônia ainda encerra muitas expressões cunhadas por Euclides. Em algumas, ecoa uma mistura deliberada de exotismo com referências bíblicas: "Inferno Verde", "Última página do Gênesis". Em outras, Euclides parece escrever a realidade como ele a viu, como ainda podemos vê-la: uma terra em que os homens trabalham para escravizar-se.

Sabemos, enfim, que não há menção dessa carta no epistolário de Euclides. Foi adquirida por Charles P. Dutton, em 1946, num alfarrábio de Belém e doada nesse mesmo ano à Biblioteca de Bancroft, em Berkeley.



Instantâneo feito pelo fotógrafo de "Fon-Fon", em plena Avenida, em 1908.